

Condicionais reportadas e flexibilidade de ponto de vista

Lilian Ferrari

Recebido 11, jul. 2007 / Aprovado 19, set. 2007

Resumo

Este trabalho propõe uma nova perspectiva de investigação das construções condicionais no português brasileiro. Com base na teoria dos espaços mentais, a análise mostra que a noção tradicionalmente aceita de uniformidade de postura epistêmica em construções condicionais precisa ser revista para explicar os casos de condicionais encaixadas no discurso indireto que podem não apresentar a referida uniformidade. Argumenta-se que primitivos discursivos tais como Base, Ponto de Vista e Foco podem fundamentar uma explicação unificada tanto para os casos em que a postura epistêmica se mantém a mesma na prótase e na apódose, como também para os casos de ruptura, em que prótase e apódose exibem posturas epistêmicas diferentes.

Palavras-chave: *Condicionais. Discurso reportado. Ponto de vista*

1. Introdução

O reconhecimento de que a *postura epistêmica* do falante determina escolhas modo-temporais constitui uma das importantes contribuições da investigação sobre as construções condicionais (FILLMORE, 1990; SWEETSER, 1990, 1996; DANCYGIER, 1993; DANCYGIER; SWEETSER, 2005). Sendo postura epistêmica definida como a associação ou dissociação mental do falante com o mundo descrito na prótase, os estudos têm demonstrado que as condicionais diferenciam-se de construções similares por exibirem postura *hipotética* ou *contrafactual* (FILLMORE, 1990).¹

Quando o falante mantém uma postura epistêmica hipotética, a condicional sinaliza *neutralidade* (não há associação nem dissociação mental com o evento ou estado de coisas expresso na prótase P). É o que ocorre em construções como “Se eu terminar o trabalho cedo, farei compras”. Já nos casos que evidenciam postura epistêmica contrafactual, a condicional sinaliza *distanciamento* (o falante assume que há divergência entre o estado de coisas descrito em P e o mundo real). Por exemplo, “Se eu terminasse o trabalho cedo, faria compras” refere-se a uma situação presente ou futura, em que o falante considera improvável que termine o trabalho cedo.

Como ilustram os exemplos acima, a postura epistêmica é tradicionalmente tratada como um fenômeno *unificado e coerente*: uma vez que se estabelece uma postura hipotética ou contrafactual para a prótase P, a mesma postura é conseqüentemente herdada pela apódose Q. Em condicionais hipotéticas, a escolha do futuro do subjuntivo em P (por ex, “Se eu *terminar* o trabalho cedo”) costuma requerer a escolha do futuro do indicativo em Q (“*farei* compras”).² Sendo assim, construções como “Se eu *terminar* o trabalho cedo, *faria* compras” não são normalmente atestadas. Por outro lado, em condicionais contrafactuais, o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo (“Se eu *terminasse* o trabalho cedo”) não indica passado cronológico, mas distância epistêmica. Coerentemente, a apódose preserva a postura epistêmica de distanciamento através do uso do futuro do pretérito (“*faria* compras”). Mais uma vez, em função da pressão por coerência, sentenças como “Se eu *terminasse* o trabalho cedo, *farei* compras” também não costumam ser atestadas em textos falados ou escritos.

O objetivo deste artigo é demonstrar que, embora a uniformidade de postura epistêmica pareça ser a situação não marcada, é possível relativizar essa generalização nos casos em que a construção condicional ocorre no discurso reportado. Assim, quando existe um Espaço de Fala no qual a condicional se encaixa, parece haver graus adicionais de liberdade. Em casos como “*Ele disse que se P, Q*”, verifica-se uma dupla possibilidade de encaixe, que tanto pode ser marcado através da conformidade dos verbos do espaço condicional à estrutura do espaço passado (“Ele disse que

¹ As construções temporais exibem postura real ou assumida, em que o falante associa-se mentalmente ao mundo descrito na prótase (ex. Quando eu *terminar* o trabalho, farei *compras*).

² Outras escolhas são possíveis em Q, tais como o futuro perifrástico (“Se eu *terminar* o trabalho cedo, vou *fazer* compras”) ou o presente (“Se eu *terminar* o trabalho cedo, *faço* compras”). Em ambos os casos, entretanto, mantém-se a coerência de postura epistêmica, já que ambos os tempos verbais são compatíveis com postura epistêmica neutra.

se terminasse o trabalho cedo, faria compras”), quanto através da não-assimilação da estrutura temporal do espaço passado pela condicional encaixada (“Ele disse que se terminar o trabalho cedo, fará compras”). Além disso, há ainda a possibilidade de flexibilização do referido encaixe, de modo que a prótase não assimile a estrutura temporal de passado, enquanto a apódose demonstre conformidade a essa mesma estrutura (“Ele disse que se terminar o trabalho cedo, faria compras”).

No caso de construções complexas como as condicionais, observa-se que a assimilação ou não da estrutura temporal do Espaço de Fala pela construção condicional encaixada decorre de diferentes possibilidades de estabelecimento do Ponto de Vista (PV). Com base nessa observação, este artigo organiza-se em torno dos seguintes argumentos principais:

- a. o PV pode ser mantido na Base, de onde são criados os Espaços P e Q (ex. Ela *disse* que se *terminar* o trabalho cedo, *fará* compras).
- b. o PV transfere-se para o Espaço de Fala Passado, de onde são criados os espaços P e Q (ex. Ela *disse* que se *terminasse* o trabalho cedo, *faria* compras).
- c. o Espaço P é criado tomando a Base como PV, enquanto que o espaço Q adota o Espaço de Fala Passado como PV (ex. Ela *disse* que se *terminar* o trabalho cedo, *faria* compras)

Nos casos “a” e “b” acima (em que a estrutura temporal da condicional não sofre assimilação, mas mantém-se vinculada ao espaço Base ou em que a estrutura temporal da condicional é assimilada pela estrutura temporal de passado do Espaço de Fala, respectivamente), verifica-se a manutenção do ponto de vista em um único espaço e a decorrente uniformidade de postura epistêmica. Entretanto, no caso “c”, verifica-se flexibilização do ponto de vista, que se desloca da Base para o Espaço de Fala Passado, acarretando uma estrutura epistêmica não uniforme.

Essas possibilidades serão detalhadas nas seções 3 (itens a e b) e 4 (item c) do presente artigo, com base em exemplos coletados em sites de busca na internet. Antes, porém, os principais conceitos teóricos que sustentaram a análise serão detalhados na próxima seção.

2. Condicionais e espaços mentais

Na teoria dos espaços mentais, a compreensão e a produção da linguagem envolvem a construção de domínios cognitivos organizados e interconectados, que são independentes da linguagem, mas dos quais a linguagem depende para a interpretação do significado. As expressões lingüísticas são concebidas como manifestações superficiais dessas construções subjacentes,

altamente abstratas; as sentenças fornecem instruções parciais e altamente subespecificadas para: a construção de domínios; a subdivisão e o fracionamento da informação em diferentes domínios; a estruturação dos elementos e relações dentro de cada domínio; e a construção das conexões entre elementos em domínios diferentes e conexões entre esses mesmos domínios.

A interpretação do discurso resulta da construção de uma configuração de espaços hierarquicamente relacionados e interconectados. À medida que cada sentença é produzida, a configuração de espaços é dinamicamente atualizada, baseada em pistas lexicais e gramaticais fornecidas pela sentença.

Os espaços são pragmaticamente elaborados pelo conhecimento subjacente formatado em “*Frames*” (recortes no interior de uma determinada cena, sob a perspectiva das escolhas lexicais) e “*Modelos Cognitivos Idealizados*” (MCIs) (FILLMORE, 1990; LAKOFF, 1987). Além disso, são também elaborados por processos de inferenciação e raciocínio.

Com o desenrolar do discurso, novos espaços são criados em função de pistas fornecidas por “*construtores de espaços*” (*space-builders*), por marcadores gramaticais tais como tempo e modo, ou por informação pragmática. Os construtores de espaços apresentam-se de formas variadas: sintagmas preposicionais, conectivos, cláusulas que exigem complementos (por exemplo, *na foto, em 1995, na escola, se _____, Rogério disse que _____, João acredita que _____*).

No caso das condicionais, verifica-se a criação de uma configuração de espaços que serve como um tipo de moldura informacional com potencial dedutivo. Ao atuar como construtora de espaço mental, a prótase da condicional funciona como um operador sobre o discurso subsequente, abrindo um domínio discursivo por enquadramento específico. Sweetser (1990) assinala que em condicionais do tipo “*Se P, (então) Q*”, o evento P é uma condição suficiente (e, em alguns casos, necessária) para a ocorrência do evento Q.³ Visto que as noções de necessidade e suficiência relacionam-se semanticamente à noção de causalidade, pode-se concluir que as construções condicionais são projeções virtuais de manifestações causais diretas.

Tais projeções, segundo a autora, podem atuar em três domínios distintos: de *conteúdo*, *epistêmico* e *pragmático*. Nas condicionais de conteúdo, a realização do evento ou estado de coisas descrito na prótase é uma condição para a realização do evento ou estado de coisas descrito na apódose. Essa condição pode ser conceptualizada de modo neutro (“*Se Pedro ligar, sua namorada ficará feliz*”) ou de modo distanciado (“*Se Pedro ligasse, sua namorada ficaria feliz*”). No domínio epistêmico, as condicionais expressam a idéia de que o conhecimento do

³ Segundo a autora, a noção de “suficiente” é estabelecida levando-se em conta o mundo real, não possuindo o sentido lógico de (necessário e) suficiente. Embora muitas vezes as condicionais sugiram uma leitura do tipo “se e somente se”, Comrie (1986) argumenta que essa leitura não é parte da semântica da conjunção *se*, mas resulta de uma implicatura conversacional.

evento ou estado de coisas expresso na prótase seria uma condição suficiente para o estabelecimento da conclusão expressa na apódose (“Se Maria não compareceu à reunião, (então) ela está querendo irritar seu chefe”). As condicionais pragmáticas, por sua vez, expressam a realização de um ato de fala representado na apódose, com base no estado de coisas descrito na prótase (“Se for possível, venha aqui hoje à tarde”).

No que se refere às condicionais de conteúdo, Fillmore (1990) propôs a noção de postura epistêmica, que indica a suposição do falante sobre a realidade descrita em P.⁴ Segundo o autor, a relação epistêmica que o falante estabelece com o mundo representado na condicional, poderá ser de dois tipos: o falante o concebe como distinto do mundo real, ou exime-se de indicar se esse mundo alternativo representado na condicional encaixa-se em uma ou outra categoria. Os exemplos abaixo ilustram essas possibilidades, respectivamente:⁵

- (1) Se o Botafogo ganhasse a Copa do Brasil, jogaria a Libertadores.
- (2) (Eu não sei, mas) se o Botafogo ganhar a Copa do Brasil, jogará a Libertadores.

Em estudos recentes em Linguística Cognitiva, as construções condicionais têm merecido análises baseadas em configurações de espaços mentais, que incluem normalmente três primitivos discursivos: *Base*, *Ponto de Vista* e *Foco*. Esses primitivos podem ser assim definidos (DINSMORE, 1991; CUTRER, 1994; FAUCONNIER, 1997):

Base – funciona como âncora da configuração; em geral, é o espaço que serve de ponto de partida para o discurso, e ao qual se pode sempre retornar.

Ponto de Vista – é o espaço a partir do qual outros espaços são criados ou acessados.

Foco – é o espaço ao qual se adiciona conteúdo.

Retomemos os exemplos (1) e (2), representando-os diagramaticamente:

- (1) Se o Botafogo ganhasse a Copa do Brasil, jogaria a Libertadores.

⁴ Fillmore não associou inicialmente a noção de postura epistêmica às condicionais de conteúdo, já que não havia ainda uma classificação das condicionais nos moldes que seriam propostos em seguida por Sweetser (1990). Entretanto, como seus exemplos envolvem o que Sweetser tratou como condicionais de conteúdo, pode-se considerar que o fenômeno da coerência de postura epistêmica foi inicialmente postulado para as condicionais de conteúdo. Tendo em vista que estudos posteriores demonstraram que as restrições temporais nas condicionais de conteúdo são mais rígidas do que nas epistêmicas e pragmáticas (DANCY-GIER, 1998; DANCY-GIER; SWEETSER, 2005), a discussão que proponho neste artigo visa a demonstrar que mesmo nas condicionais de conteúdo, a coerência de postura epistêmica não é categórica.

⁵ Há também a possibilidade de que o falante conceba o mundo representado na prótase como sendo compatível com o mundo real. Nesse caso, entretanto, utilizaria uma construção temporal (Quando o Botafogo ganhar a Copa do Brasil, seus torcedores comemorarão).

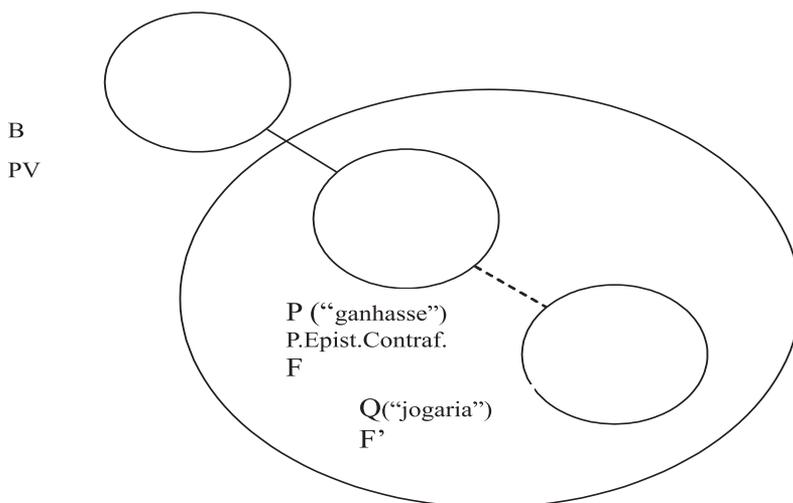


Diagrama 1 - Configuração do exemplo (1) em termos de espaços mentais

O diagrama acima evidencia o fato de que, tomando-se a Base como PV, o Espaço P é construído a partir de uma postura epistêmica contrafactual. Além disso, é o espaço ao qual inicialmente se adiciona estrutura (Foco), podendo ser co-temporal ou futuro em relação à Base. O Espaço Q é então construído no interior do domínio condicional, mantendo-se o PV na Base, e adicionando-se nova estrutura a esse espaço (Foco).

- (2) Se o Botafogo ganhar a Copa do Brasil, jogará a Libertadores.

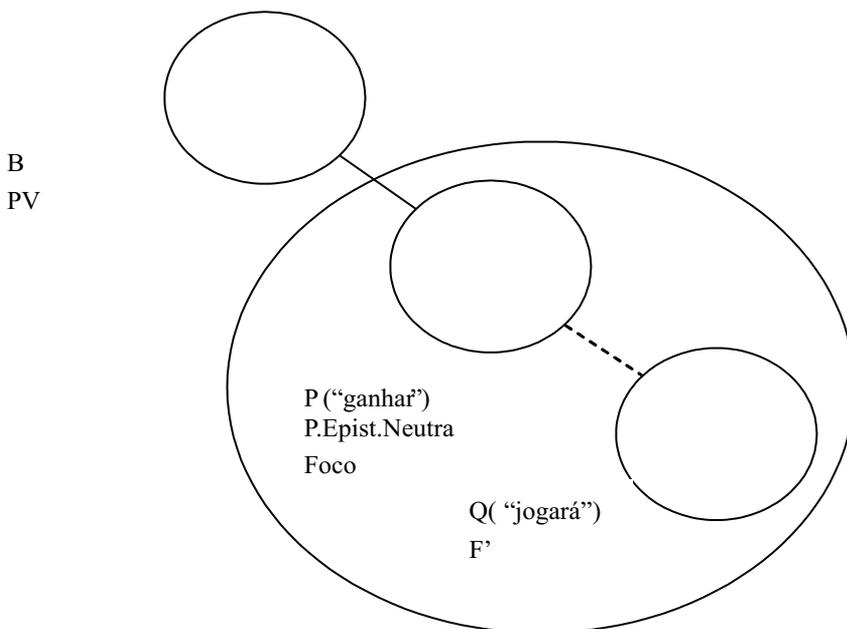


Diagrama 2 - Configuração do exemplo (2) em termos de espaços mentais

O exemplo acima mescla elementos de discurso indireto e direto. Com relação à estrutura dêitica, verifica-se que a condicional reportada é alterada com relação ao dêitico de pessoa “nos” e aos sufixos verbais de 1ª pessoa do plural (tornarmos, entraremos), já que a fala original não poderia ter utilizado esses elementos (provavelmente, o que foi dito foi algo como “Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus”). Entretanto, com relação à estrutura temporal, como ocorreria em caso de discurso direto, a fala reportada mantém os tempos verbais da fala original (futuro do subjuntivo/futuro do presente).

No exemplo (5), portanto, a condicional encaixada exibe postura epistêmica neutra e uniforme, uma vez que o PV mantém-se na Base, conforme o Diagrama 3 a seguir:

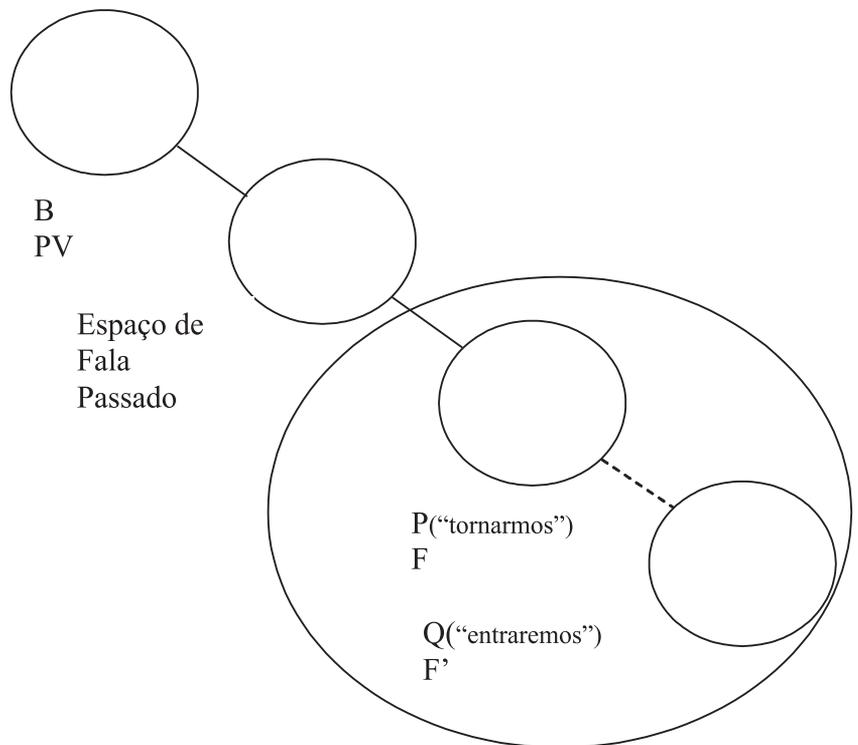


Diagrama 3 - Configuração referente ao exemplo 5 (*Jesus disse que se não nos tornarmos como crianças, não entraremos no reino dos céus*)

É interessante notar que a manutenção do PV na Base não impede que P seja reportado indiretamente, enquanto Q seja reportado diretamente. É o que ilustra o exemplo a seguir:

- (6) *O líder do PFL no Senado, Agripino Maia, disse que, se o depoimento for retardado, “não tem alternativa senão a CPI do Silvinho”* (<www2.uol.com.br/oimparcial/090520061caderno.htm>)

Em (6), observa-se que P e Q não são assimilados ao Espaço de Fala, mas mantêm-se vinculados ao PV da Base. Embora o exemplo mescle o PV do redator e o PV do falante reportado, mantém-se a uniformidade de postura epistêmica. Isso é possível porque tanto redator quanto falante reportado adotam postura epistêmica neutra e ambos os pontos de vista partem da Base.

Outra possibilidade de manutenção de ponto de vista é a assimilação completa da estrutura temporal da condicional pelo Espaço Passado. Há casos em que o PV tem que ser mantido no passado porque o evento descrito não tem mais validade no presente. O exemplo a seguir ilustra esse fenômeno:

- (7) *Disse que se conseguisse o emprego tatuaria o logotipo da empresa no braço para mostrar lealdade ... (<www.curriex.com.br/centro_carreira/ guia_entrevistas5.asp - 90k>)*

Em relação ao exemplo acima, o contexto indica que a reconstituição adequada da condicional originalmente pronunciada seria “Se conseguir o emprego, tatuarei o logotipo da empresa no braço para mostrar lealdade”. A estrutura neutra “Se P (futuro do subjuntivo), Q (futuro do indicativo)” funcionou como ponto de partida adequado para a implementação de uma camada de passado no momento do encaixe, gerando a estrutura “Se P (pretérito imperfeito do subjuntivo), Q (futuro do pretérito)”. O Diagrama 4 representa o encaixe:

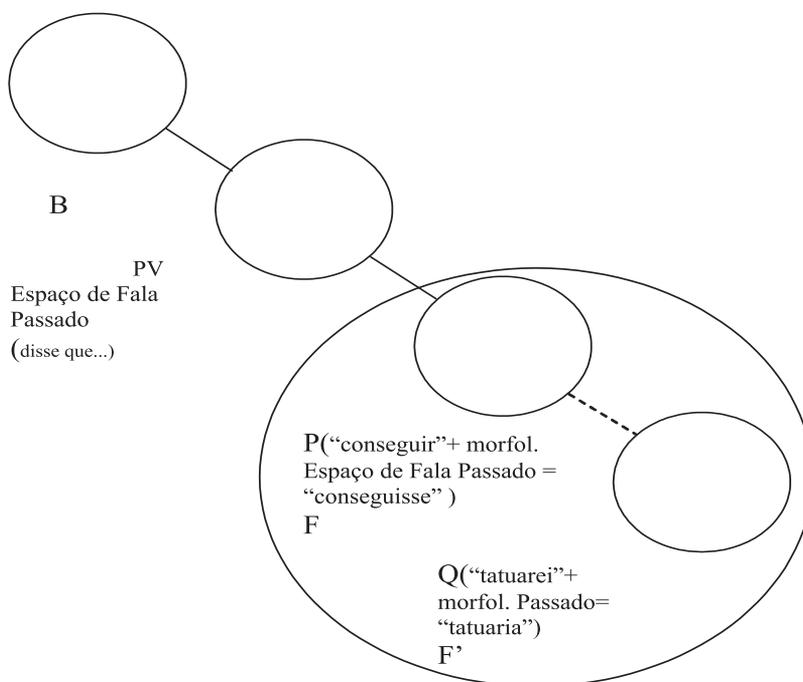


Diagrama 4 – Configuração referente ao exemplo 7 (“...disse que se conseguisse o emprego, tatuaria o logotipo da empresa no braço para mostrar lealdade”)

Diferentemente do que ocorreu no exemplo (7) acima, o evento descrito na condicional poderia ser futuro não só em relação ao Espaço de Fala, mas também em relação ao Espaço Base (“hoje”). Nesse caso, haveria a opção entre manter o PV na Base ou deslocá-lo para o Espaço de Fala. No exemplo (8) abaixo, em que o evento descrito na condicional é também futuro em relação ao Espaço de Fala, escolheu-se o deslocamento do ponto de vista para o passado:

- (8) *Através da “ABC”, Downer disse que se Hicks aceitasse o “acordo de culpabilidade”, em troca de o promotor não recomendar a pena mais severa, poderia ser beneficiado cumprindo o castigo na Austrália.* (br.noticias.yahoo.com/s/27032007/40/politica-australiano-sentenciado-semana-terrorismo.html)

No exemplo acima, seria perfeitamente aceitável um encaixe do tipo “Downer disse que se Hicks aceitar o “acordo de culpabilidade” em troca de o promotor não recomendar a pena mais severa, poderá ser beneficiado cumprindo o castigo na Austrália”. É possível que a opção de manutenção do PV no espaço passado esteja relacionada a fatores pragmáticos, como por exemplo a sinalização da “voz” do falante reportado como distinta da “voz” do jornalista. Em termos de configuração de espaços mentais, o exemplo (8) comporta-se de forma semelhante ao exemplo (7) e sua representação diagramática.

Por fim, é possível que o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase da condicional reflita apenas a não-assimilação da estrutura temporal da condicional. Isso pode ocorrer quando a condicional originalmente pronunciada já apresentava estrutura distanciada, como é o caso do exemplo a seguir:⁹

- (9) *(Ele)Disse que se tivesse que escolher entre o anti e o pró, escolhia o pró. E que é isso que está fazendo: está fazendo!*

(<www.novae.inf.br/fsm2005/revolucao_digital2.htm>)

Em (9), o contexto discursivo demonstra que o redator reportou a condicional originalmente distanciada “se eu tivesse que escolher entre o anti e o pró, escolhia o pró”. Nesse caso, o PV continua na Base; a diferença com relação a exemplos análogos é que a condicional encaixada já exibia postura epistêmica negativa.

4. Flexibilidade de ponto de vista

Na seção anterior, analisamos as relações entre localização do PV e escolhas modo-temporais nos casos em que se mantém a uniformidade de postura epistêmica. A presente seção abordará uma outra possibilidade: a de que a mudança de PV da Base

⁹ Como demonstram Dancygier e Sweetser (2005), é possível usar a morfologia de passado com camadas “duplas” para indicar tempo passado e postura epistêmica distanciada. Entretanto, uma outra camada de morfologia temporal não costuma ser herdada de um Espaço de Fala Passado se a postura epistêmica distanciada já estiver marcada na condicional (Se João jogasse na loteria, ficaria rico/ Maria disse que se João jogasse na loteria, ficaria rico), ou se postura epistêmica distanciada e tempo passado já estiverem codificados na condicional (Se João tivesse jogado na loteria, teria ficado rico/ Maria disse que se João tivesse jogado na loteria, teria ficado rico).

para o Espaço de Fala Passado acarrete não-uniformidade de postura epistêmica (ainda que a estratégia de discurso indireto seja uniformemente utilizada):

- (10) *Hans comentou que se Santa Maria assumir toda a manutenção, a equipe atual poderia ser alocada a outros projetos, provavelmente em outras Unidades.* (<www.cgi.unicamp.br/zope/database/pdf/atas/reuniao_02-10-2002.pdf>)

O exemplo (10) atesta a possibilidade de que a postura epistêmica não seja uniforme. Na introdução da prótase, o PV é mantido na Base (espaço compartilhado por redator e falante reportado); para a apódose, entretanto, o redator desloca o PV para o Espaço de Fala Passado (restrito ao falante reportado), conforme ilustra o Diagrama 5:

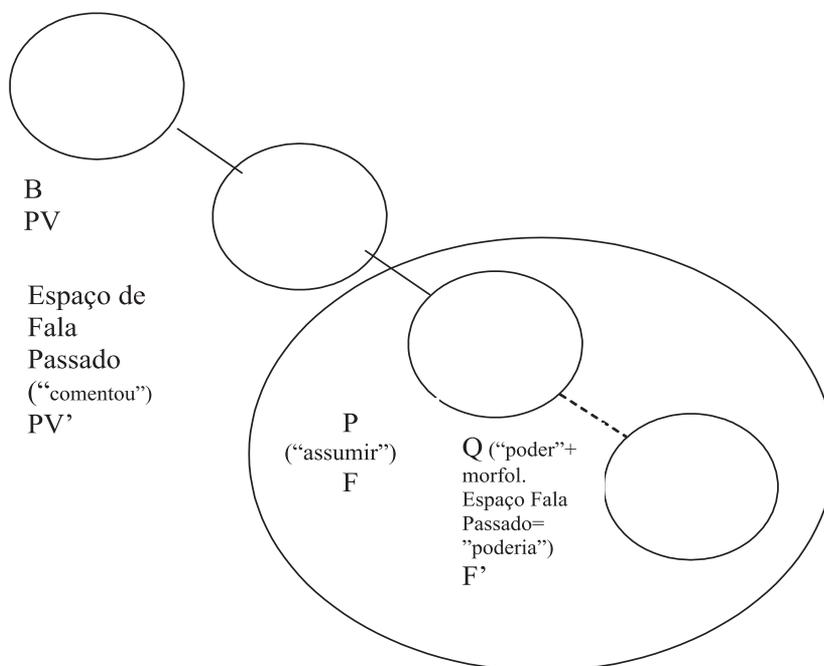


Diagrama 5 – Representação do exemplo 10 (“...Hans comentou que se Santa Maria assumir toda a manutenção, a equipe atual poderia ser alocada a outros projetos, provavelmente em outras Unidades”)

É possível que o redator compartilhe com o falante reportado (Hans) a hipótese de que (ainda hoje) é viável que a “Santa Maria assuma toda a manutenção”, mas não queira se comprometer com o desdobramento sugerido por Hans de que “a equipe atual poderá ser alocada a outros projetos”.

5. Conclusão

O presente trabalho enfocou construções condicionais encaixadas no discurso reportado, com o objetivo de rediscutir a noção de uniformidade de postura epistêmica, tradicionalmente aceita na literatura referente a condicionais. Com base em exemplos atestados, a análise demonstrou que a exigência de uniformidade não é uma restrição sintática inerente às construções condicionais, mas decorre de fatores discursivo-pragmáticos que podem ser tratados adequadamente com base nas ferramentas teóricas oferecidas pela teoria dos espaços mentais.

Demonstrou-se que há três relações possíveis entre ponto de vista e postura epistêmica para o encaixamento de condicionais em espaços de fala, a saber: a. uniformidade de postura epistêmica com ponto de vista na Base; b. uniformidade de postura epistêmica com ponto de vista no Espaço de Fala; c. heterogeneidade de postura epistêmica com deslocamento de ponto de vista da Base para o Espaço de Fala.

Os fatores que influenciam a escolha de cada uma dessas opções no discurso merecem investigação detalhada. Parece que, embora em alguns casos a escolha reflita restrições de caráter puramente temporal (cronológico), na maioria das vezes, os fatores relevantes parecem ser de natureza pragmático-discursiva, cuja compreensão poderá lançar luz sobre as relações entre condicionalidade, discurso reportado e subjetividade.

Abstract

This paper proposes a new perspective on the investigation of conditional constructions in Brazilian Portuguese. Based on mental space theory, the analysis shows that the traditionally accepted notion of coherent epistemic stance has to be re-viewed in order to account for embedded conditional constructions which occur in indirect reported speech. Since non-coherent epistemic stance may also occur, it is argued that discourse primitives such as Base, Viewpoint and Focus can provide a general explanation for the occurrence of both coherent and non-coherent embedded conditionals.

Keywords: *Conditionals, reported speech, viewpoint.*

Referências

- CUTRER, M. *Time and tense in narratives and everyday language*. Ph.D. Dissertation-University of California, San Diego, 1994.
- DANCYGIER, B. *Conditionals and prediction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- _____. Interpreting conditionals: time, knowledge and causation. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 19, p. 403-434, 1993.
- _____. Two metatextual operators: negation and conditionality in Polish. In: *Proceedings of the eighteenth annual meeting of the Berkeley Linguistic Society*, 1992. p. 61-75.
- DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. Conditionals, distancing, and alternative spaces. In: GOLDBERG, A. (Ed.). *Conceptual structure, discourse and language*. Stanford, California, CSLI Publications, 1996. p. 83-98.
- _____. *Mental spaces in grammar: conditional constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- _____. Then in Conditional Constructions. *Cognitive Linguistics*, [S.l.], v. 8-2, p. 109-136, 1997.
- FAUCONNIER, G. Analogical Counterfactuals. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (Ed.). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: Chicago University Press, 1996. p. 57-90.
- _____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- _____. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (Ed.). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: Chicago University Press, 1996.
- FERRARI, L. A Sociocognitive approach to modality and conditional constructions in Brazilian Portuguese. *Journal of Language and Linguistics*, v. 1, n. 3, p. 218-237, 2002. Disponível em: <<http://www.jllonline.net>>.
- FERRARI, L. Modalidade e condicionalidade no português do Brasil. *Revista Recorte- Unincor*, ano 2, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.Unincor.Br/Recorte>>.
- FILLMORE, C. Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. In: *Papers from the twenty-sixth regional meeting of the Chicago Linguistic Society*, 1990, p. 137-162.
- FLEISCHMAN, S. *Tense and narrativity: from medieval performance to modern fiction*. Austin, Tex: University of Texas Press, 1990.
- JAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1: theoretical prerequisites. Standford, CA: Stanford University Press, 1987.

- _____. *Foundations of cognitive grammar*. v. 2: theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991.
- _____. Subjectification. *Cognitive Linguistics*, [S.l.], v. 1, p. 5-38, 1990.
- MEJIAS-BIKANDI, E. Space accessibility and mood in Spanish. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (Ed.). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: Chicago University Press, 1996. p. 157-78.
- NIKIFORIDOU, V.; KATIS, D. Subjectivity and conditionality. In: FOOLEN, A.; VAN DER LEEK, F. (Ed.). *Constructions in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 217-238.
- SANDERS, J.; REDEKER, G. Perspective and the representation of speech and thought in narrative discourse. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (Ed.). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: Chicago University Press, 1996. p. 290-317.
- SWEETSER. *From Etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- _____. Mental spaces and the grammar of conditional constructions. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (Ed.). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: Chicago University Press, 1996a. p. 318-333.
- _____. Reasoning, mappings, and meta-metaphorical conditionals. In: SHIBATANI, M.; THOMPSON, S. (Ed.). *Grammatical constructions: their form and meaning*. Oxford: Oxford University Press, 1996b. p. 221-233.
- _____. Role and individual readings of change predicates. In: NUYTS, J.; PEDERSON, E. (Ed.). *Language and conceptualization*. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 116-136.
- TRAUGOTT, E. Conditional markers. In: HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 289-310.
- _____. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*, [S.l.], v. 57, p. 33-65, 1989.
- TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.